

# 17. O Culto a Maria

À primeira vista, a Mãe de Jesus parece ocupar um lugar pouco importante na literatura cristã dos primeiros séculos, embora vários apócrifos do Novo Testamento tenham páginas legendárias mas cheias de poesia e admiração pela Virgem Maria. Um estudo atento, porém, dos primeiros escritores eclesiásticos nos diz que desde muito cedo sua figura e sua função maternal foram consideradas com atenção e enorme respeito. Tertuliano, em sua *Apologia* (197) afirma que o Filho de Deus, descido no seio de uma Virgem, se fez carne e nasceu Deus-homem. A fórmula do credo que aparece em Santo Irineu na segunda metade do século II diz: "nascido de Maria Virgem". Nesses mesmos anos, contra os gnósticos afirma-se claramente que o "Filho de Deus nasceu realmente de Maria". A anáfora eucarística de Hipólito de Roma (218) menciona Maria. Depois de Nicéia (325), o vínculo com ela vai-se tomando cada vez mais intenso e ela é invocada de modo mais acentuado.

Justino em Roma, Irineu em Lyon e Tertuliano em Cartago partem do paralelo Adão-Cristo e desenvolvem o paralelo análogo Eva-Maria. O desenvolvimento do pensamento teológico cristológico durante o século IV pos em evidência o papel da Virgem na história da salvação.

Por volta do ano 428, Nestório expressou seu parecer de que não se devia utilizar o título Mãe de Deus. Essa expressão era a pedra de escândalo, porque evidenciava uma vez mais o tema da verdadeira natureza de Cristo. Cirilo reivindicou tal título e o papa Celestino I o apoiou. A decisão do Concílio de Éfeso (431) incrementou a devoção ao afirmar a maternidade divina de Maria por causa da unidade de pessoa em Jesus Cristo, nascido da Virgem Maria.

A iconografia primitiva representou sempre a Virgem como Mãe de Deus, Theotókos. No começo do século II, no cemitério romano de Priscila, encontramos a representação da Virgem sentada com o Menino Jesus contra seu peito, talvez em relação à profecia de Isaías (Is 7,14). No cemitério de Domitila existe do mesmo século uma Virgem sentada com o Menino nos braços recebendo os Reis Magos. Sabemos que os primeiros cristãos colocavam as sepulturas junto às dos mártires para gozar de sua proteção.

Um caráter semelhante deviam ter as imagens pintadas de Cristo, sobretudo sob a invocação do Bom Pastor, e as da Santa Virgem. Sabemos que na arte cristã deste século e do seguinte encontramos símbolos que representam Cristo, tais como o pavão, a pomba, a âncora, a barca e o pescador. E, entre eles, também algumas imagens de Maria com o Menino. Foram encontrados também sinetes de chumbo dos séculos V e VI com a inscrição "servo de Maria". No Oriente aparecem os ícones da Virgem, alguns deles atribuídos a São Lucas, e não poucos com anjos que rodeiam a imagem de Maria.

A veneração de Maria havia se propagado entre o povo muito antes que a teologia tivesse esclarecido as questões de sua santidade e virgindade. Com a difusão no século III do ideal da vida ascética, Maria foi considerada, sobretudo por sua virgindade e obediência, como o modelo das virgens cristãs.

A partir da segunda metade do século IV conhecemos numerosas manifestações de culto à Virgem Maria tanto em invocações como em festas especiais, em petições de proteção e com hinos como os ambrosianos. Epifânio de Salamina, que teve de intervir em 377 contra uma adulteração sectária do culto mariano - o que quer dizer que já nesse tempo era habitual - chama-a "Mãe dos viventes".

[...]

Nos últimos anos do século IV estabelecem-se várias festas em honra de Maria em Belém, Jerusalém e Nazaré. As numerosas peregrinações que chegavam a esses santos lugares voltavam com essas devoções e comemorações para seus lugares de origem fomentando-se rapidamente a propagação da devoção mariana. No século V encontramos firmemente estabelecidas no Oriente as festas da Purificação e da Anunciação, festas que chegam um pouco mais tarde no Ocidente. No dia 15 de agosto do ano de 600, o imperador Maurício prescreve em todo o Império a festa da Assunção e o X concílio de Toledo (646) impõe a festa de Santa Maria. Em Bizâncio aparece, também, a devoção à Mãe de Deus como protetora e intercessora. A mediação dos santos constituía um tema constante nas orações dos cristãos orientais e, naturalmente, acima de todos estava Maria, a protetora de Constantinopla, a Mãe e Guardiã do povo ortodoxo.



A devoção a Maria, virgem e mãe de Jesus, difundiu-se muito depressa entre os cristãos, antes mesmo que a teologia tivesse esclarecido os problemas da maternidade divina de Maria e de sua virgindade. A "proteção da Theotókos" era invocada já nos começos do século IV, como o demonstra a oração "*Sub tuum praesidium*" que chegou até nós. Ao longo do mesmo século IV assiste-se a uma dupla orientação: de uma parte, algumas autoridades da Igreja, como Santo Epifânio de Salamina, põem-se em guarda contra os excessos da devoção e do culto; de outra parte, ouve-se com crescente força a voz daqueles, como o bispo Severiano de Gabala, que sustentam que na oração se deve invocar a Maria antes que aos Apóstolos e aos mártires. No Oriente, a devoção à Virgem foi cultivada pelos monges e por um bispo como Grilo de Alexandria, que, no concílio de Éfeso do ano 431, esforçou-se para que se reconhecesse a Maria o título de Mãe de Deus. O concílio concluiu depois, com um grande cortejo de tochas em honra de Maria, pelas ruas de Éfeso, a cidade que havia sido famosa pelo templo e pelo culto à deusa Diana (df. Hb 19), a deusa da natureza e da caça. Realizava desse modo uma passagem ideal da antiga mãe para a nova, cujo culto se iria difundir em seguida no Oriente e no Ocidente.

Com Santa Maria Maior, Roma pode gloriar-se de ter a primeira grande basílica dedicada à Virgem. Posteriormente multiplicaram-se as igrejas e os oratórios dedicados à Virgem, e foi-se formando também o calendário das festas marianas:

a Purificação (2 de fevereiro),  
a Anunciação (25 de março),  
a Assunção (15 de agosto),  
a Natividade (8 de setembro)



*Lápide sepulcral dos séculos V-VI, que tem, gravada e efígie da Virgem sentada, com o Menino nos braços (acima), e um afresco do século III que representa a deusa Ísis amamentando Horus (à direita).*



A Mãe de Deus: duas imagens, uma pagã e outra cristã, ambas de ambiente copto egípcio, testemunham uma continuidade não só de estilo.